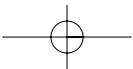


Cresceu a casa aqui neste lugar  
onde agora corre nocturnamente a água  
que desde os fundamentos nos cercava  
Antigos passos emergem da humidade  
e um estranho nexo de frases cresce  
sobre as faces agora forasteiras  
agora sem tempo para o tempo  
que a morada pede



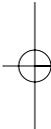
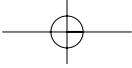
A luz da tarde que caindo acompanhava  
a lentidão dos barcos  
cargueiros volumosos e vermelhos  
arrastando-se no inconcreto azul  
daqui,  
das águas  
Ou as folhas aguçadas da palmeira  
vertical e moribunda ou  
o barco agora ao comprido  
e tão comprido que cobria já  
naquele tempo toda a travessia  
da janela  
Não saber ainda, não saber nunca  
o que toda a lentidão prenunciava  
Agora sei quanto toda a partida é inconclusa  
quanto irreal é aos nossos olhos  
na pouca luz e no desabrigo das presenças  
Nisso tocar  
só um deus sabe que momento é ou foi  
nem passado ou porvir  
por vias e artérias por  
dentro da cidade  
que me arrastam ao transepto  
sul chamado  
de São Bernardo de Cleraval

Quando o tempo é de Setembro  
um tempo rente  
quando as mãos se alongam deslocadas  
no córrego da luz e os dedos tocam  
o imparável refluir dos horizontes  
e as vozes tentam assomar  
por sobre o levantar das vagas  
flexão de dorsos e o alastro de  
manchas brancas em uma pele azul  
esteira de veias deslaçadas ao ímpeto  
daquele querer cercado, daquele  
poder sem outro por que  
assim se vergue;  
e repetido

no terraço, à tarde  
a tanto clamor se enlaça um ser-passado  
por entre a humidade ácida,  
a oxidação dos ossos

foram mãos espalmadas contra a luz  
passos sem peso e sem sandálias  
no terraço. tempo óxido e ido

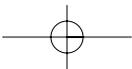
delido país — por entre camarinhas,  
carreiro de sapos que a noite dava  
à contemplação

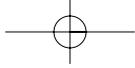


## Castelejo 1

metálica imobilidade sob o a-pique do Sol

no meio-dia a praia é atravessada por hordas de cavalos  
e a hora recorta a negro os nossos corpos como se  
de seus torsos emergisse um potro escuro:  
cambaleante e sedento da secreta lâmina  
que a luz enterra  
precisamente ao meio do coração solar





## Castelejo 2

Na inclemência da luz pousa sobre nós a grande asa  
aberta e brônzea. Nus  
dois corpos caminham para as águas  
na sombria míngua das suas carnes já partidas:  
oferenda ou face à indiferença do espaço, incorrupta  
sabem da perpétua fome, do emudecimento, da distância  
olham o anjo, o nome branco e apenas  
a imprecação do mar

